

COP27: rascunho de texto final decepciona

Versão não cita a redução gradual de todos os combustíveis fósseis, apenas do carvão. Especialistas alertam que o ponto é crucial para a queda das emissões de CO₂, um dos principais contribuidores do aquecimento global

» PALOMA OLIVETO

Na véspera do encerramento oficial da 27ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP27), no Egito, a publicação do rascunho da declaração final decepcionou quem esperava um texto mais ambicioso que os das edições anteriores. O chamado "no paper", jargão para indicar que ainda serão necessários muitos ajustes antes da versão definitiva, deixou de fora a redução gradual de todos os combustíveis fósseis, ponto considerado essencial para diminuir as emissões de CO₂ e, conseqüentemente, evitar um aumento de temperatura acima das metas estabelecidas no Acordo de Paris.

Em um texto construído para atender, com unanimidade, as reivindicações dos negociadores de quase 200 países, a linguagem é crucial para definir as prioridades e demandas que norteiam a política climática nos próximos anos. O rascunho reconhece os prejuízos causados pelos combustíveis fósseis e a necessidade de substituí-los por energia limpa, mas, ao não determinar a redução gradual de petróleo e gás, além do carvão, abre brechas para a continuidade da exploração desses recursos, a principal fonte de emissão global de CO₂.

Segundo o rascunho, a conferência enfatiza "a importância de aumentar a parcela de energia renovável no mix de energia em todos os níveis (...) e encoraja os esforços contínuos para acelerar as medidas para a redução gradual da energia de carvão". Também reconhece a necessidade de eliminar gradualmente e deixar de subsidiar "combustíveis fósseis ineficientes". Assim, deixa de citar nominalmente petróleo e gás natural. A COP de Sharm el-Sheikh bateu os recordes anteriores, com a presença de mais de 600 lobistas do petróleo participando das sessões.

"A linguagem sobre a eliminação gradual dos combustíveis fósseis não consegue progredir de Glasgow (onde foi realizada a



Antônio Guterres, secretário-geral da ONU, lembrou que o aumento no consumo de combustíveis fósseis dificulta os objetivos climáticos já firmados: "Trata-se de manter as pessoas vivas"

eliminação gradual justa, equitativa e gerenciada de todos os combustíveis fósseis. Qualquer coisa menos do que alcançamos em Glasgow fará com que a COP27 seja considerada um fracasso pelo mundo."

Um ponto considerado positivo por observadores é a inclusão da meta do aumento de temperatura limitado a 1,5°C até o fim do século, no rascunho do texto final. O texto destaca, "com grande preocupação, a lacuna significativa entre o efeito agregado das promessas de mitigação das Partes em termos de emissões anuais globais" e lembra que as ações apresentadas até agora estão em desacordo com "a meta de temperatura do Acordo de Paris (...) para manter o aumento da temperatura média global em 1,5°C acima dos níveis pré-industriais".

Meta enfraquecida

Em uma coletiva de imprensa realizada ontem em Sharm el-Sheikh, o secretário-geral da ONU, Antônio Guterres, enfatizou que a meta está enfraquecendo à medida que o consumo de combustíveis fósseis aumenta. "Não se trata apenas de manter a meta de 1,5°C: trata-se de manter as pessoas vivas", disse.

Guterres também citou um dos temas mais sensíveis da COP: o fundo de US\$ 100 bilhões anuais, que nunca foram depositados integralmente para os países industrializados. Esse dinheiro tem como objetivo financiar cortes nas emissões de gases de efeito estufa (mitigação) e adaptação às mudanças climáticas nas nações em desenvolvimento. "Todas as partes devem agir na questão fundamental das finanças", apelou Guterres.



A linguagem sobre a eliminação gradual dos combustíveis fósseis não consegue progredir de Glasgow (sede da COP26) e aumentar a chamada para uma ampla eliminação do carvão, petróleo e gás"

Yeb Saño, chefe da delegação do Greenpeace Internacional na COP27

» Atraso esperado

Embora oficialmente a COP27 se encerre hoje, é consenso entre os participantes que os negociadores passarão a madrugada de sexta para sábado acordados, negociando as muitas lacunas da declaração final. Questões como financiamento e criação de novos fundos estão atrasando a conferência, cujo texto deve ser aprovado por unanimidade por quase 200 países.

conferência de 2021) e aumentar a chamada para uma ampla eliminação do carvão, petróleo e gás", afirma Yeb Saño, chefe da delegação do Greenpeace

Internacional na COP27. De acordo com ele, a não menção à redução gradativa de todos os combustíveis fósseis, e não só do carvão, como aponta o texto,

"ignora a urgência expressa por muitos países" dentro e fora das salas de negociação.

Joseph Sikulu, das organizações não governamentais

Pacific Climate Warriors e 350.org, concorda. "O texto divulgado não representa o apelo tanto das salas de negociação quanto da sociedade civil por uma

Fundo de perdas e danos não é detalhado

A menção vaga a um dos temas mais discutidos na COP de Sharm el-Sheikh, o de perdas e danos, decepcionou o grupo G77 mais China — o maior bloco da conferência, do qual o Brasil faz parte. A maioria dos países emergentes e em desenvolvimento, especialmente os que menos contribuem para a emissão de gases de efeito estufa, mas são mais vulneráveis a seus efeitos, insiste em um cronograma para a discussão e a implementação do mecanismo.

Embora o rascunho diga que a inclusão do tema em uma subagenda é "bem-vinda", não fala em cronograma nem na criação de um fundo especial para indenizar nações que têm sofrido prejuízos constantes, devastadas por enchentes, secas e outros eventos extremos. A menção ao mecanismo foi reconhecida como ponto positivo entre ativistas ambientais, mas a falta de detalhamento recebeu críticas.

"Viemos a Sharm el-Sheikh para exigir ação real para cumprir e

superar os compromissos de financiamento e adaptação climáticos, uma eliminação gradual de todos os combustíveis fósseis e que os países ricos paguem pelas perdas e danos causados às comunidades mais vulneráveis com um fundo de financiamento", disse Yeb Saño, chefe da delegação do Greenpeace Internacional na COP27. "Nada disso está em oferta nesse rascunho. A justiça climática não será atendida se o rascunho definir o resultado da COP27."

O secretário-geral da ONU, Antônio Guterres, defendeu ontem, em uma coletiva de imprensa, um acordo ambicioso sobre perdas e danos. "Há claramente uma falta de confiança entre o Norte e o Sul", afirmou. "A maneira mais eficaz de reconstruir essa confiança é por meio de um acordo ambicioso e confiável sobre perdas e danos e apoio financeiro aos países em desenvolvimento. O tempo de se discutir perdas, danos e finanças acabou. Precisamos de ações", destacou.

"Criar o fundo é um imperativo moral e de justiça climática", disse

o vice-ministro colombiano de Planejamento Ambiental do Território, Francisco Javier Canal Albán, em entrevista coletiva. Na mesma ocasião, a ministra paquistanesa para a Mudança Climática, Sherry Rehman, disse que a COP deve encerrar, "no mínimo, com uma declaração política de compromisso com a criação desse fundo, ou mecanismo, uma antiga aspiração dos países do Sul".

O vice-presidente da Comissão Europeia, Frans Timmermans, levantou uma ideia compartilhada pelos países desenvolvidos: a de que os em desenvolvimento que, hoje, são grandes emissores, também devem colaborar com o fundo. O recado foi especialmente para a China e a Índia. "Todo mundo deve contribuir. E isso é algo que comuniquei a todos os nossos parceiros e também ao meu colega e negociador chinês, Xie Zhenhua. Se estamos falando de justiça, devemos olhar para a posição em que os países se encontram agora, e não 30 anos atrás", defendeu. (PO)



O vice-presidente da Comissão Europeia, Frans Timmermans, sugeriu que os países em desenvolvimento também contribuam